



O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GREMIO CULTURAL «SANTA MARIA»

Qual deve ser a
atitude do verdadei-
ro católico diante
da morte? Desespe-
ro? Aparente despre-
ocupação? A Santís-
sima Virgem Maria,
Mãe de todas as Dores,
nos mostra a verda-



deira e única atitu-
de: serenidade e resig-
nação, onde as lágrimas
de dor não empanam em
nada a certeza da ale-
gria da Ressurreição:
"Junto à Cruz ela es-
tava, lacrimosa, mas
de pé."

Escrevem os leitores

...Vimos pela presente parabenizá-los pelos relevantes trabalhos desempenhados por esta equipe. Gostaria de contribuir para a manutenção deste valioso jornal. Aproveitando esta oportunidade, tenho a satisfação de levar ao conhecimento de V. Senhoria que a edição de "O Desbravador" é incluída nas intenções do Santo Sacrifício da Missa, todas as segundas feiras, por aqueles que trabalham em apostolado. Principalmente neste mundo conturbado de nossos dias, em que precisamos de almas de grande zelo apostólico. Eis a minha contribuição: a Oração... Pedimos à Nossa Senhora do Bom Sucesso que lhes dê graças especiais para continuar esta luta que enfrentam. Quando se tem um verdadeiro ideal: trabalhar pela causa da Verdadeira Igreja, da Verdadeira Fé, a qual professamos, é assim mesmo, com embaraços. O demônio é astuto, vive armando suas armadilhas. E, quando nos parece estar tudo perdido, que não há mais recursos, e até às vezes nos sentimos derrotados, Nossa Senhora com misericórdia, com toda sua majestade e grandeza, com seu olhar suplicante, vai à frente, nos encorajando, nos dando os meios para tão grandiosa obra...

AMÉLIA MACHADO DE OLIVEIRA
ITAPERUNA- RIO DE JANEIRO

...A nossa grande missão de católicos é continuar a pregação de Cristo ao mundo. No meu colégio, na minha classe, a maioria é católica, mas não praticante. Eu pergunto na classe: você reza o terço? Na minha casa rezamos o terço todos os dias. Pode ser lá pelas 10, 11 horas, mas rezamos..

SELMA REGINA WORSKE
UNIÃO DA VITÓRIA-PARANÁ



O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"

DIRETOR:
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO:

ANSELMO LÁZARO BRANCO

SUPERVISÃO GERAL:

CARLOS AUGUSTO VIEIRA

SECRETARIA:

MIHAÍLO MILAN ZLATKOVIC
MAURO TAKESHI ENDO

REDAÇÃO:

JOSE HENRIQUE DO CARMO
HERIBALDO CARDOSO DE BAPROS
SÉRGIO BORGES F. MOLINARI
MARIA DO CARMO RUFINO

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:

CAIXA POSTAL 6416
01000 - SÃO PAULO - SP

EXPEDIÇÃO:

VALMIR DE CASTRO
LAURINDO GONÇALVES
JORGE CARDOSO DE BARROS
JORGE A. ORIS DE ROA
JOSE TEIXEIRA DA SILVA

COMPOSIÇÃO:

ESTUDIO "FRA ANGÉLICO"

"Faz-me conhecer o caminho em que hei de andar"

Ps CXLII, 8

EDITORIAL

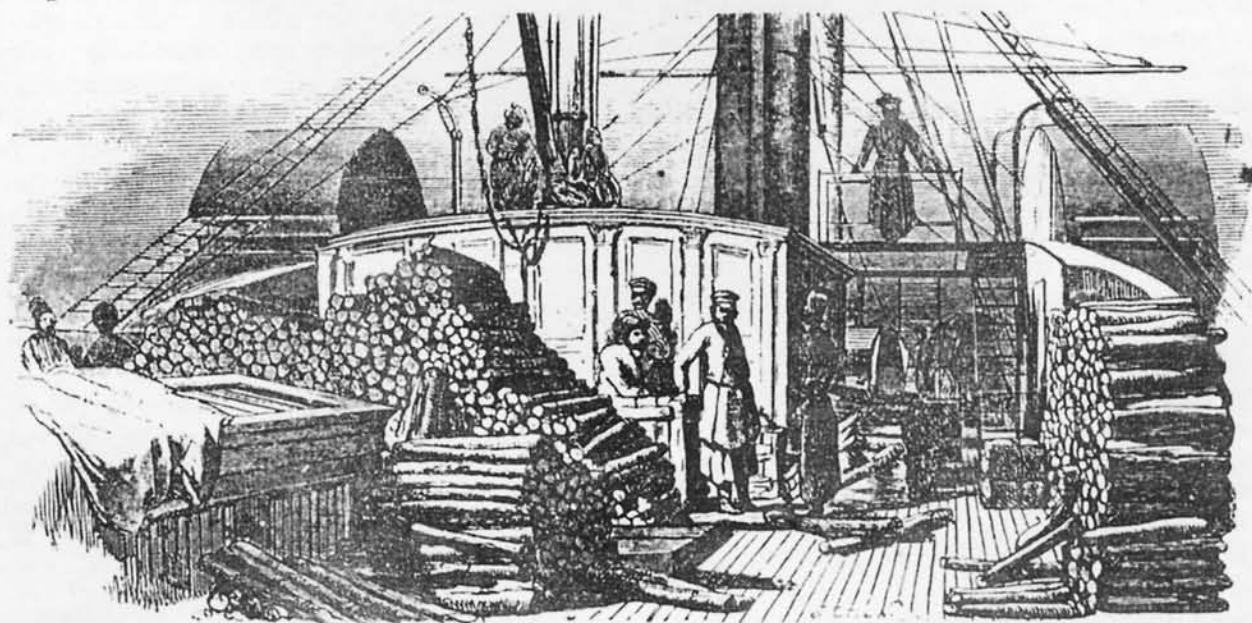
A morte entrou no mundo por causa do pecado. Para nos redimir do pecado, Jesus Cristo, Nosso Senhor, morreu na Cruz, suportando as maiores ignomias e os mais enormes tormentos.

Quando Maria Santíssima assistiu à Morte Redentora de Seu Divino Filho, Ela o fez sofrendo de forma dolorosíssima. Ela derramou preciosíssimas lágrimas, Ela, no entanto, o fez de pé, com coragem, com firmeza, dando-nos o exemplo de como deve agir um católico diante da morte.

Assim, nota-se na maior parte das pessoas duas atitudes extremas e erradas diante desse acontecimento. Algumas pessoas, quando perdem um ente querido, caem no desespero, caem numa tristeza mórbida, julgam que tudo acabou e chegam ao extremo de se revoltarem contra Deus. Outras vão para o lado oposto: querem ver na morte um acontecimento correio, e procuram de todas as formas esquecer o fato da morte. Entre estes últimos encontram-se aqueles que são partidários de cemitérios que mais parecem jardins do que outra coisa.

Nossa Senhora aos pés da cruz nos ensina como devemos agir ante a morte. É justo, é correto, é certo que se chore, que se sinta a partida de um ente querido, mas não é bom nos desesperarmos, pois o desespero denota alguém que não crê na Ressurreição. De outra parte, aqueles que querem se esquecer da morte mostram que para eles o que vale é esta vida passageira e eles, como o avestruz, não querem enxegar que um dia também morrerão, porque colocaram nesta existência todas as suas esperanças.

Maria Santíssima é o modelo que deve nortear nossa atitude frente a morte: Ela chorou, sofreu, ao ver Jesus morrer, mas nela jamais deixou de haver a esperança na Ressurreição e esta esperança também deve existir em nós. Quando morre alguém que amamos, devemos ter a esperança de um dia reencontrar esse alguém no Céu. Para tanto é necessário que nós morramos na amizade de Deus e para isso devemos viver da maneira mais virtuosa, vivendo cada dia como se fosse o último de nossa vida.



"NESTE MUNDO DEVEMOS OPAR COM ORPAS E AÇÕES"

(SÃO FRANCISCO DE SALES)



DIANTE DO ESPELHO

Quantas e quantas vezes Walmor repete aquela cena: fica diante do espelho, penteando-se e arrumando-se para ir aos piores lugares imagináveis. Aquele é quase um ato rotineiro. Há anos é repetido quase que automaticamente.

Mas, naquela noite, por um desses movimentos da graça, algo de estranho ocorreu com ele: Walmor, ao ficar se contemplando, de forma idolátrica frente ao espelho, deparou com uma figura monstruosa, pareceu-lhe ver um fantasma, apareceram aos seus olhos todas as deformidades terríveis por que sua alma passou, ficaram patentes todos os pecados que a cada dia ele comete e para os quais não dava a maior importância.

Ele se assustou. Depois de tantos anos a máscara caiu. Depois de tanto tempo e ele viu o estado a que sua alma ficou reduzida, os frangalhos nos quais ela se encontra.

"Serei eu a figura que vejo?", diz ele para si próprio. "Onde está o Walmor que detestava o palavrão? Onde está o rapaz que odiava o pecado? Onde estará o moço que apreciava grandes ideais? Será possível que minha alma decaiu tanto? O que causou tudo isso? Por acaso foi o fato de não ter ouvi-

do os conselhos dos santos que diziam que devemos fugir das ocasiões de pecado? Por acaso foram as más companhias e as más leituras? Ou será que foi tudo isso junto?"

Todas essas questões que num instante se colocaram em sua mente o assustam, o aterrorizam, o entristecem. Num átimo vêem à tona tantos anos ruins, num segundo lhe surgem dentro da alma enormes saudades da inocência perdida, da pureza de alma, da riqueza de coração que outrora possuía.

Ao mesmo tempo, uma luta secreta e terrível começa a ser desencadeada em sua alma: de um lado alegremente ele sente impulsos de jogar no chão o enorme pente que tem nas mãos e correr aos pés de um padre para se confessar, limpando assim sua negra alma, de outro o demônio tentador lhe diz que não há mais jeito, que tudo está perdido, que depois, mais tarde, daqui a alguns anos ele se confessará, que vão rir dele, etc.

A graça fala, o demônio rebate: voltar ao ideal ou permanecer no pecado? Aceitar a cruz ou preferir o prazer? Viver na amizade divina ou estar continuamente sujeito ao inferno? Em suma, seguir a Deus, ou ao demônio?

"A POBREZA COM JESUS CRISTO, É MUITO MAIS RICA DO QUE TODAS AS RIQUEZAS E TODOS OS TESOUROS DO MUNDO"

(São Bernardo)

A FUGIDA

Chega o fim da semana, e lá vai ele, sôfrego, quase fugindo, em direção ao litoral ou ao campo. Desde a tarde de segunda-feira que ele planeja tudo, calculando, ante gozando os divertimentos que espera ter, e que quase nunca tem.

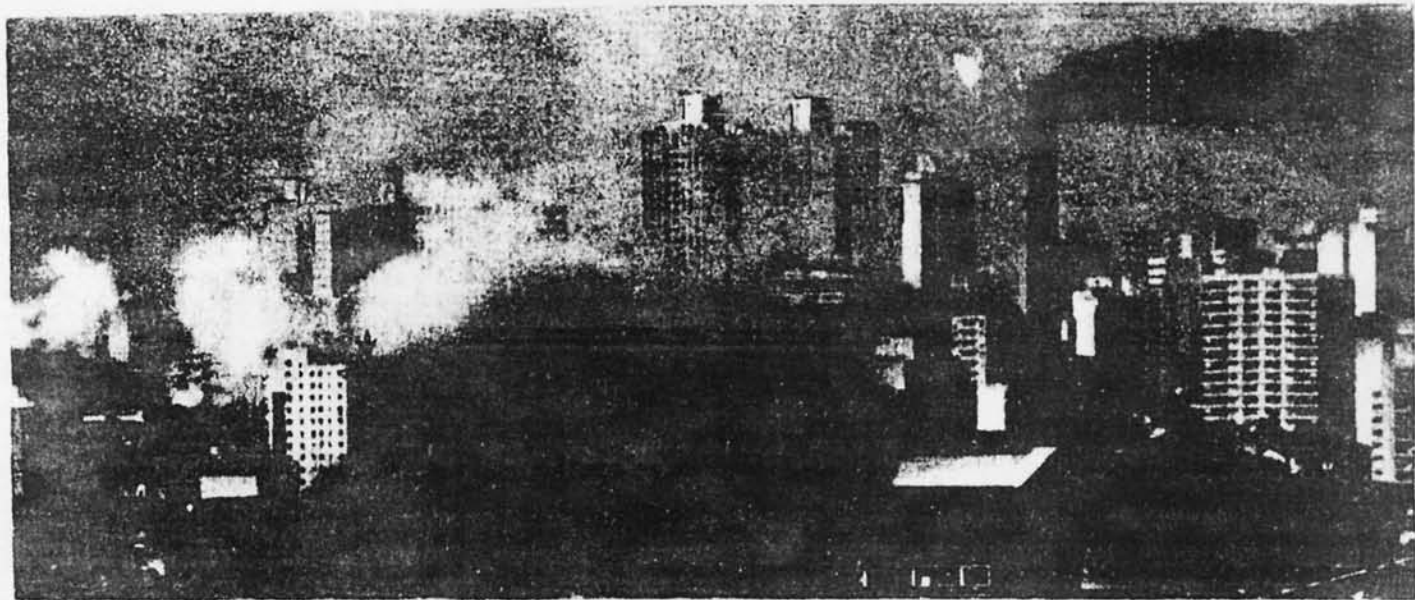
Agora, lá vai. Mãos crispadas no volante, olhos fixos na faixa a marelada do asfalto, ele avança, ultrapassa, corre, e se irrita de ter às vezes que parar, que ceder passagem a outro, que dentro de outro veículo, também como ele, "vai indo". E são muitos. São filas intermináveis de pessoas que se comprimem, se acotovelam, se insultam e se irritam mutuamente, empenhados que estão em se divertir.

Nossos bisavós, se vissem isso, não entenderiam: Para descansar, rodam quilômetros, para espairecer, se irritam; para se acalmar, se insultam. "Raios!", pensariam nossos antepassados, "se querem descansar, porque não ficam na varanda da casa, ou à sombra da man-

gueira, sentados na cadeira de balanço, lendo um livro, tomando limonada, e conversando com os vizinhos?"

Ah, vovô, se eu contar o senhor não acredita. Mas a verdade é que as casas de hoje não têm varanda, nem mangueiras. Aliás, nem sequer são casas, mas sim apartamentos de décimo andar onde se tem o cuidado de fechar bem todas as janelas para que o ar empestado da cidade não entre e nos sufoque. Não existe mais cadeira de balanço porque o espaço é pouco. Não se lê mais livros porque a televisão não deixa. No lugar de limonada, bebe-se coca-cola. E os vizinhos, ninguém conhece. O senhor acredita, vovô, que as pessoas vivam cinco anos num apartamento sem nem sequer conhecer o vizinho do lado?

Pois é, vovô. É por causa disso que os homens fogem assim que podem. Vão loucos para o campo ou a praia, na esperança de que o trilhar de um pássaro ou o marulho das



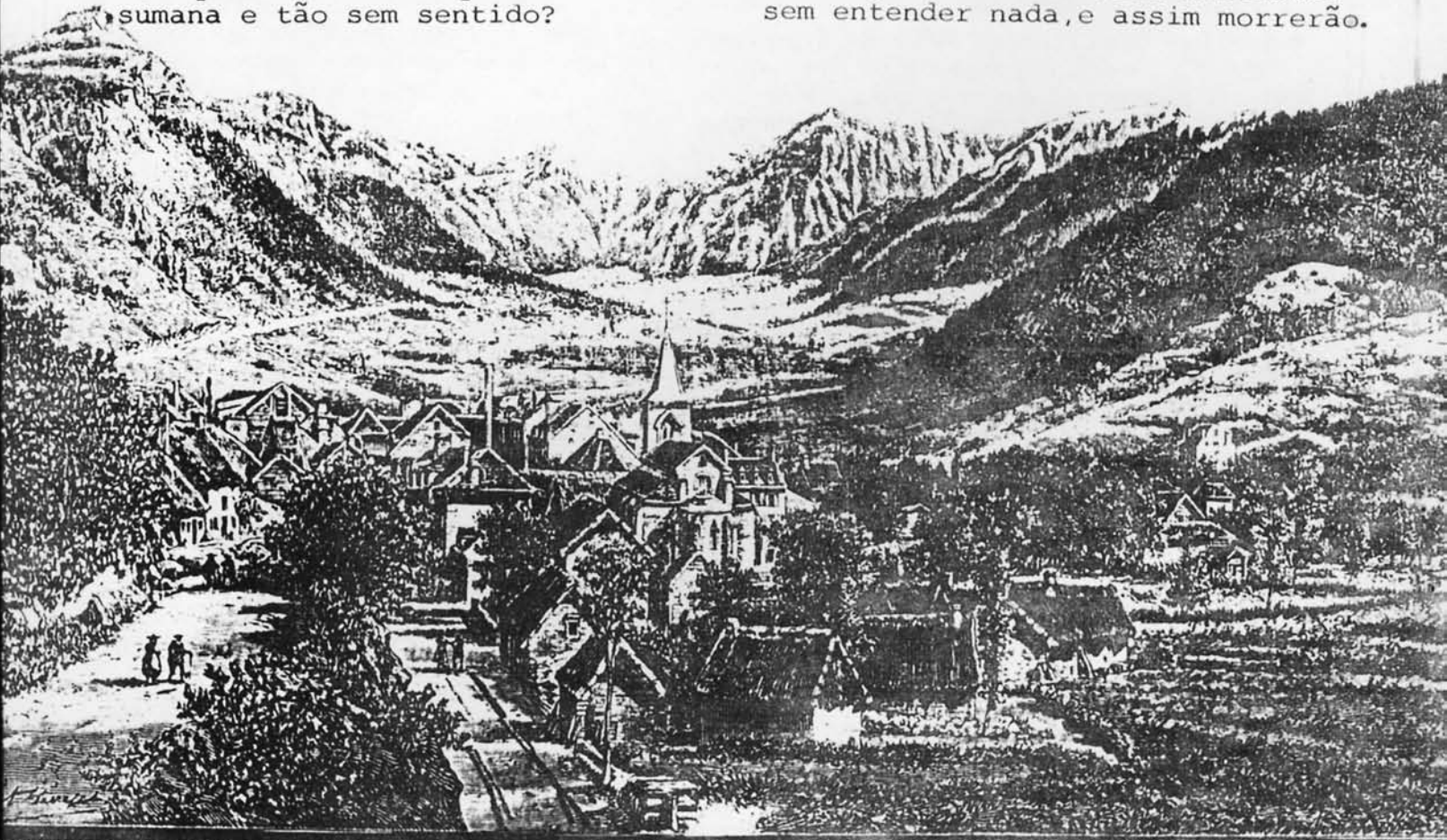
"Os lábios mentirosos são abominados pelo Senhor."
Prov. XII, 22

ondas o distraia um tanto, o humanize em algo, o despolua um pouco dessa babel de asfalto, de cimento; de fumaça e de ruídos que é a cidade moderna. E se o tempo e o dinheiro permitissem, iriam para a Europa, admirar os restos de cidades medievais, onde se pode perceber o reflexo de uma outra vida, muito diferente e muito calma, onde havia silêncio e vagares, onde se refletia e pensava...

É impossível ao homem de hoje admirar, por exemplo, a cidade de Carcassonne, toda majestosa em suas muralhas e torres, toda aconchegante em seus recantos e vielas, toda calma, toda silenciosa e toda íntima em tudo, sem sentir uma ponta de tristeza. É impossível a esse homem passear ao por do sol pelo caminho de ronda daquelas muralhas sem que saudades indefiníveis não o agitem e não lhe perguntem: Por que voltar agora para o automóvel, para a fumaça e para o barulho? Por que não ficar aqui, vivendo este ambiente, e respirando esta paz? Por que a vida tem que ser tão desumana e tão sem sentido?

E o curioso é o seguinte: Se nesse preciso instante alguém chegar a esse homem e lhe disser que realmente o mundo moderno é louco e desumano, e que nós deveríamos trabalhar para a construção de uma época em que houvesse reflexão e sossego, e da qual todas as sensações loucas fossem banidas, o que aconteceria é que esse turista, até a pouco tão sonhador, se eriçaria todo em pontas, dizendo: "você é um retrógado que quer acabar com o progresso!" E voltaria correndo ao seu automóvel, rumo à fumaça e à cidade. E no dia seguinte estaria frustrado novamente.

Pois é, vovô. O ritmo de vida moderna é um ópio que o homem detesta mas fuma, odeia mas sorve, porque não tem forças, ou melhor, não tem coragem de largar. Talvez um choque, talvez uma carga de maravilhoso bem aplicada e bem aceita faça com que alguns se curem e voltem a pensar e a agir. Mas eu creio que muitos já ficaram tão intoxicados que são incuráveis. E esses vegetarão numa vida miserável sem entender nada, e assim morrerão.



"O que pedes alcanças."
São Mateus VII, 8

A MORTE...



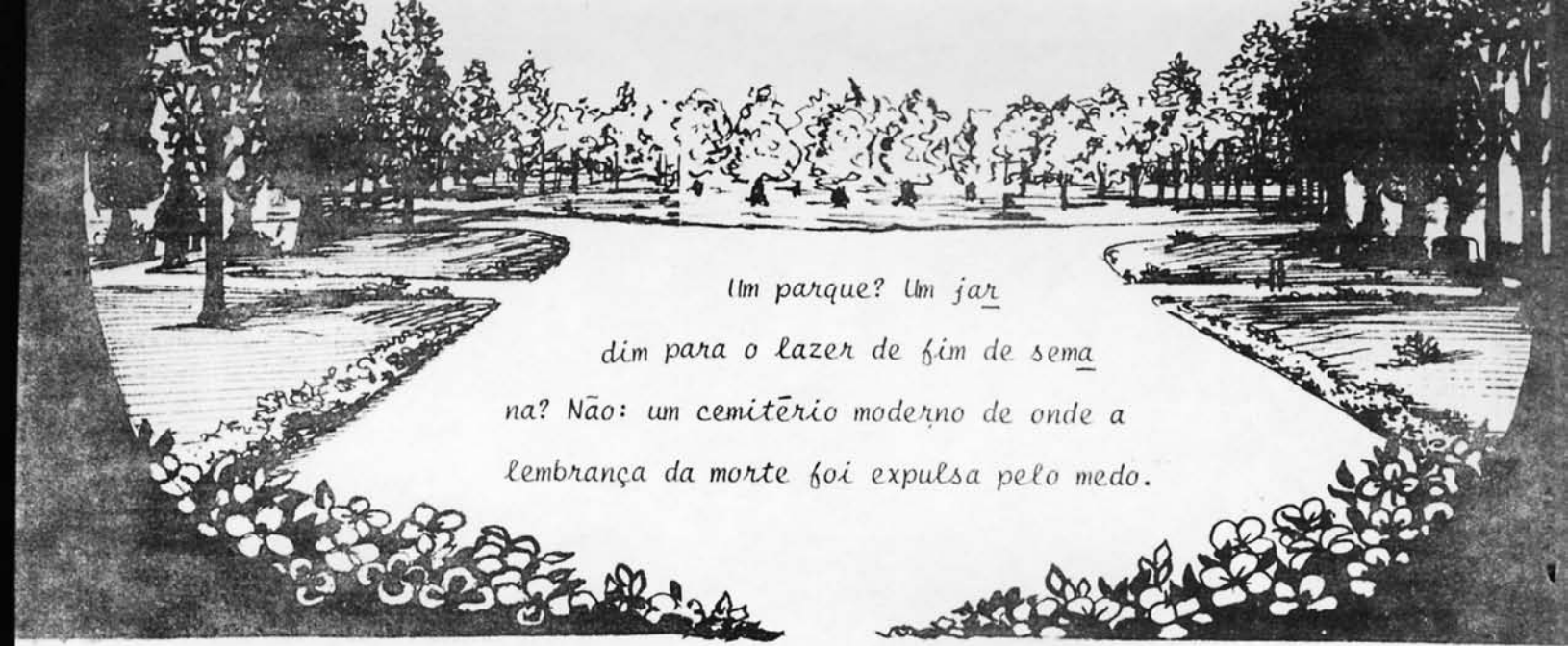
"Eis que vou dizer-vos um mistério: todos ressuscitaremos, mas nem todos seremos mudados. Num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta, porque a trombeta soará e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos mudados. Porquanto é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade e que este corpo mortal se revista da imortalidade. E quando este corpo mortal se revestir da imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: tragada foi a morte na vitória". Com estas palavras magníficas de São Paulo (I Cor. 15, 51-54) é anunciado às gentes a boa nova da ressurreição da carne.

O espírito do mundo não entende estas coisas e, por isto, toma em relação à morte atitudes de todo em todo diversas do católico genuíno.

Na raiz de tudo, o pavor, um pavor pânico, que à vista da sepultura convulsiona todo o ser, perturba toda a lucidez, destrói toda a coragem. As misérias grandes e pequenas que este terror ocasiona são quase incontáveis: o receio de ir ao médico e ali receber um diagnóstico ameaçador; o medo de fazer testamento; o terror de presenciar a agonia de alguém; o desagrado profundo de participar de funerais, são fenômenos nervosos confessados, ou inconfessados e tão superfluo insistir sobre eles. Outro aspecto do terror da morte está nos cuidados exagerados com a saúde, no medo de envelhecer, na propensão de cada qual esquecer a própria idade. E assim se vai chegando até o momento inelutável.

Quando por fim os dedos da morte pousam sobre alguém, e o vão

"PARA NÓS CRISTÃOS, HÁ DOIS NASCIMENTOS: UM TERRENO, OUTRO CELESTE; UM DA CARNE OUTRO DO ESPÍRITO; UM DO PAI E DA MÃE; OUTRO DE DEUS E DA IGREJA." (Santo Agostinho)



Um parque? Um jardim para o lazer de fim de semana? Não: um cemitério moderno de onde a lembrança da morte foi expulsa pelo medo.

levando indisfarçavelmente para a grande e última viagem, estas miséris ainda mais se acentuam. Quantas vezes o doente - contando com a complacência de médicos e amigos - procura iludir-se até o fim, sobre a gravidade do próprio estado. Quando já não há remédio senão reconhecer que os instantes supremos chegaram, o doente não tem coragem de olhar para a frente, para o ocaso que o via envolvendo, para a escuridão que se aproxima, e prefere voltar-se para o passado: são as despedidas intermináveis, as reminiscências, os últimos presentes, etc. Até que o desfecho final sobrevém, arrastando tudo em sua voragem.

Está consumado o fato. Irrompeu a morte dentro do lar. Cabe aos vivos tomar atitude perante ela. Os que tinham ao morto um afeto sincero ficam estarecidos, estertoam, revoltam-se. São os prantos trágicos, os gritos lancinantes, as prostrações profundas e sem remédio. Outros, pelo contrário, fogem espavoridos, procurando esquecer o morto, para fugir do que lembre a morte. São os espíritos que se perdem intencionalmente nos por menores sociais dos funerais, que abrem tanto quanto possível a presença do cadáver em casa ou no necrotério, que "simplificam" de todos os modos as honras fúnebres para que passem rápidas e sem deixar vestígio.

Entre estas duas atitudes extremas, como é diferente a posição das almas verdadeiramente católicas!

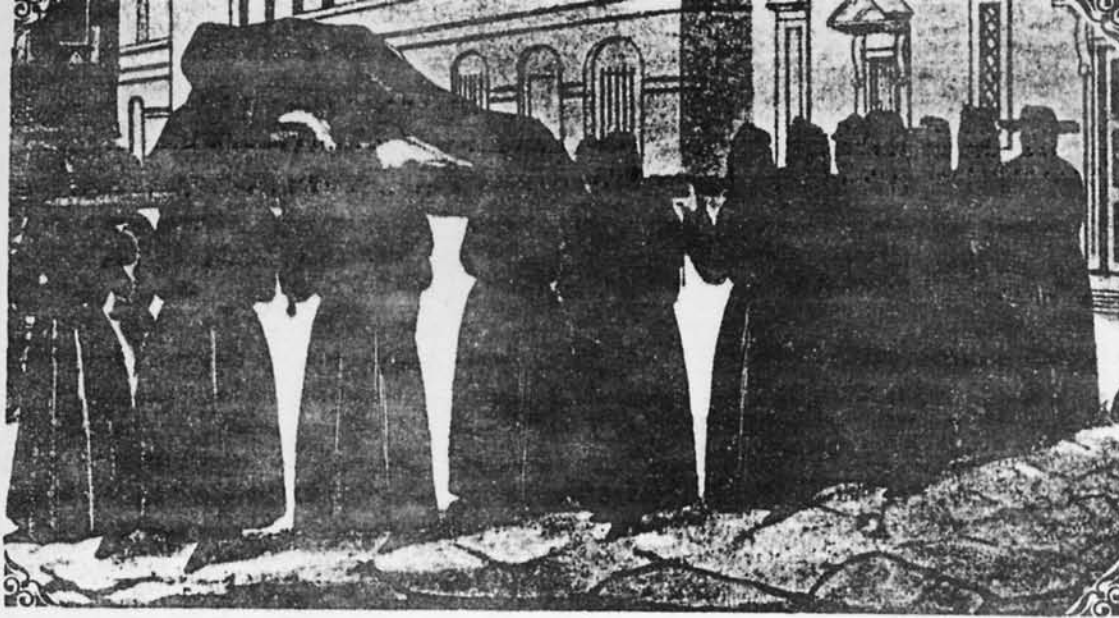
A Igreja nos ensina que a morte é um castigo imposto por Deus aos homens em consequência do pecado original. O próprio do castigo consiste

em produzir aflição e dor. E como Deus é infinitamente sábio e poderoso, e faz com perfeição todas as suas obras, este castigo instituído por Ele há de ser necessariamente capaz de produzir muita aflição e muita dor. Foi este exemplo supremo a morte voluntária de Nosso Salvador, que foi sumamente aflictiva, inefavelmente dolorosa. E como os instintos humanos recuam diante da aflição e da dor, natural é que se aterrorizem diante da morte.

É verdade que diversos santos morreram inundados de consolações sobrenaturais, aceitando a morte com mais prazer do que outros aceitam honras ou riquezas. Trata-se de verdadeiros milagres da graça, em que a união sobrenatural é tão intensa que, por assim dizer, suspende os estertores da natureza. O comum dos homens não está neste caso. Morrem com medo e dor.

Se a morte faz sofrer, é legítimo que participem desta dor os que amam o morto. A Igreja aprovou, pois, os costumes sociais tendentes a cercar a morte das manifestações exteriores da dor. Ela, que é Mestra e a própria fonte da imortalidade, não desdenha de participar de nossas lágrimas.

Em uma palavra, como Mestra, a Igreja justifica nossa dor; como Mãe, a ela se associa. Por isso também incita ela a caridade dos fiéis a que se manifeste generosamente a propósito da morte. Velar cadáveres, participar dos funerais, visitar as famílias enlutadas, comparecer à Santa Missa em sufrágio da alma do morto, são atos praticados hoje muito frequentemente num espírito absolutamente mundano e natura-



Uma procissão fune-
bre medieval: a I
mandade de Nossa Se
nhora da Misericõr-
dia presta as últi-
mas honras a um
católico.

lista. Este espírito deve ser abolido. Não porêem estes atos, em si mesmos excelentes e rigorosamente coerentes com o que a Igreja ensina a respeito da morte,

O século passado, todo impregnado de romantismo, como que se comprazia na dor. E por isto, sem grande dificuldade mantinha os costumes cristãos, referentes à morte e aos funerais. Em muitos sentidos, exagerava-os até, exprimindo a dor com uma nota de tragédia lancinante, de desespero, de revolta, que destoava dos ensinamentos da Igreja.

Ninguém pode fitar longamente a morte, quando não tem Fé. Foi o que sucedeu aos homens. Perdida no século XIX a Fé, no século XX eles começaram a desviar a face da morte.

Outrora, os cadáveres eram velados por vinte e quatro horas. Hoje, às vezes, não se completam doze. Outrora, a dor tinha toda a liberdade de se

manifestar na câmara ardente, dentro dos limites da dignidade e da compostura. Hoje, é de bom gosto sufocar tanto quanto possível em público seus sentimentos, trancando-se no quarto os que desejam chorar.

O ponto extremo desta transformação foi atingido por um estilo de funeral, em certo país, no qual os cadáveres são pintados como se estivessem vivos, enfeitados para uma festa, e levados a um lindo jardim que serve de cemitério. Ali, envolto num pano verde, baiza à cova, quando não é cremado. De luto, nem se fale.

Por que fizemos essa longa digressão sobre a morte? Porque, em certo sentido, o que há de mais importante na vida é a morte. Enquanto os homens não tiverem uma atitude reta, equilibrada, cristã perante a morte, não serão capazes de ter uma atitude reta, equilibrada, perante a vida.



Ilustração de uma antiga revista católica. Um pouco ingênua talvez, mas encerrando uma grande verdade: o vazio das vaidades mundanas, diante do inexorável da morte.

"A boca que mente mata a alma"
Sab. I, 2

No Segundo Livro dos Macabeus, capítulo doze, encontramos uma das mais claras provas bíblicas da existência do purgatório e da utilidade das orações e dos sacrifícios para os mortos.

No dia seguinte a uma batalha em que saiu vitorioso, Judas Macabeu foi com os seus recolher os corpos dos mortos e encontrou sob as túnicas deles oferendas consagradas aos ídolos, proibidas pela Lei mosaica.

Reconhecendo que essa infidelidade fora a causa de sua morte, todos bendisseram o justo julzo de Deus. Mas logo em seguida suplicaram ao mesmo Deus que esquecesse o pecado e salvasse aquelas almas, considerando o martírio.

E Judas, exortando o povo para que se mantivesse fiel, fez uma grande coleta destinada a oferecer sacrifícios em sufrágio dos mortos.

Comenta a Sagrada Escritura que o valoros general manifestava com isso sua fé na ressurreição: "porque, se ele não esperasse que os que tinham sido mortos, haviam um dia de ressuscitar, teria por uma coisa supérflua e vá orar pelos defuntos; e porque ele considerava que aos que tinham falecido na piedade estava reservada uma grandíssima misericórdia".

"E, pois — conclui o texto sagrado — um santo e salutar pensamento orar pelos mortos, para que sejam livres dos seus pecados".

CLUNY

Desde os seus primórdios, a Igreja Católica oferece pelos fiéis defuntos o santo sacrifício do altar. Logo após a lembrança dos bem-aventurados que reinam no Céu por toda a

eternidade, a Santa Igreja suplica pelos que nos precederam marcados pelo sinal da fé.

Entretanto, uma data específica consagrada ao sufrágio das almas de todos os fiéis, foi instituída apenas no ano de 998, por Santo Odilon, abade de Cluny, a Ordem religiosa que formou a Idade Média.

Um peregrino, voltando de Jerusalém, foi obrigado a se refugiar numa ilha da costa da Sicília e lá conheceu um eremita, o qual sabendo que ele era da Borgonha, lhe perguntou se conhecia Cluny e o Abade Odilon. Indagado sobre a razão de seu interesse, respondeu: "Há perto daqui um lugar que vomita chamas e no qual os demônios atormentam durante algum tempo as almas dos pecadores. Ora, ouço com frequência os demônios murmurarem contra as pessoas piedosas que, com suas preces libertam tais almas. Queixam-se particularmente de Odilon e seus religiosos. É por isso que, quando voltardes a vosso país, peço-vos, em nome de Deus, exortéis o Abade Odilon e os monges de Cluny a redobram as preces e esmolas pela libertação dessas pobres almas".

Tendo conhecimento do fato, Santo Odilon ordenou que em todos os mosteiros dependentes de Cluny, todos os anos, se fizesse a comemoração dos mortos no dia 2 de novembro e que, por eles, se repicassem os sinos. Daí o costume de tocar os sinos pelos defuntos. Mais tarde, a Igreja inseriu essa comemoração no seu calendário.

UMA DISCUSSÃO

Quanto devemos rezar pelas almas do Purgatório, se pode inferir do que se lê nos "Anais da Ordem de S. Domingos", sobre a discussão entre dois frades

Frei Beltrão era o defensor officioso dos pobres pescadores, aplicava sempre a missa por eles e oferecia todas as suas penitências e orações pela intenção de obter a graça da sua conversão. "Os pecadores privados da graça, dizia ele, estão num estado de perdição; o espírito maligno não cessa de lhes armar emboscadas, a fim de os privar da visão beatífica e levá-los para a estância das dores eternas. (...) Quanto às almas do Purgatório já estão em segurança; têm a certeza da sua salvação eterna".

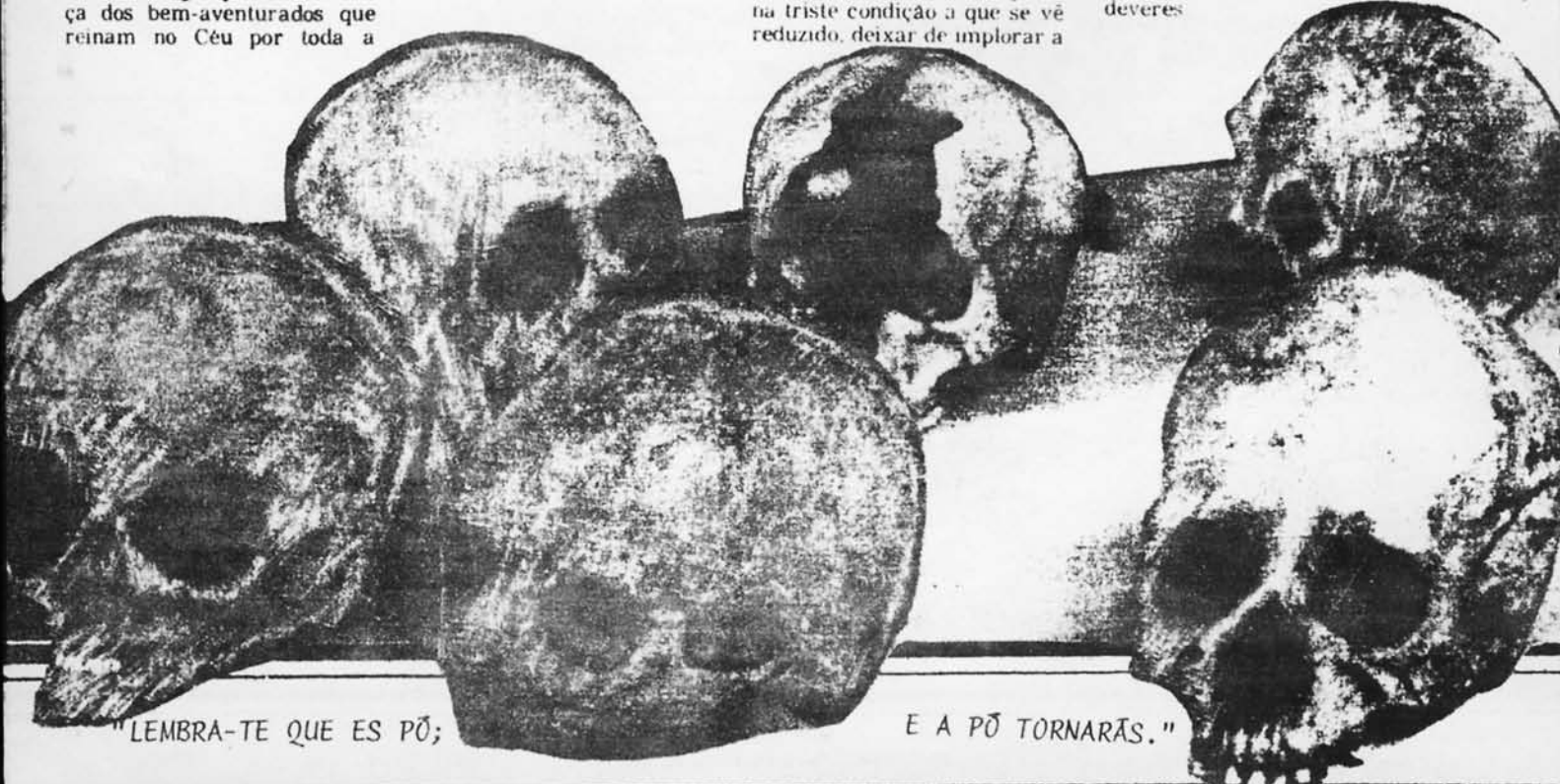
Frei Bento não advogava com menor calor a causa das almas que sofrem. Oferecia por intenção delas todas as missas de que podia dispor bem como as orações e penitências que se impunha. "Os pecadores, dizia ele, estão presos nas cadeias que eles mesmos fabricaram. Podem sair do caminho da iniquidade quando lhes aprouver. O jugo que suportam é obra sua. Enquanto que os mortos, de pés e mãos atadas, são retidos contra a sua vontade no meio das torturas mais cruéis. Suponhamos que temos na nossa presença neste momento, dois mendigos. Um deles, robusto e saudável, pode fazer uso das suas mãos e trabalhar, se quiser, mas prefere sofrer os rigores da pobreza a renunciar às delícias da preguiça; e outro, pelo contrário, doente, paralítico, impossibilitado de fazer coisa alguma, não pode, na triste condição a que se vê reduzido, deixar de implorar a

caridade dos transeuntes com seus clamores e lágrimas. Qual dos dois é mais digno de piedade, principalmente se o último é presa de acerbos sofrimentos? É esta precisamente a história dos pecadores e das almas do Purgatório. Estas suportam o martírio mais cruel e estão impossibilitadas de fazer seja o que for em seu próprio benefício. É verdade que receberam estes suplicios por seus pecados; mas agora estão purificadas dessas manchas. Necessariamente entraram em graça com Deus antes de morrer, de outro modo não se teriam salvado. Portanto, são agora caras a Deus, indizivelmente caras; e uma caridade bem ordenada deve conformar-se com os sábios afetos da vontade divina, e estimar mais o que Deus mais estima".

Frei Beltrão não quis ceder, até que uma visão na noite seguinte o converteu inteiramente e mudou de prática.

A opinião de Frei Bento é confirmada pela autoridade de São Tomás de Aquino: "A oração pelos mortos — afirma o doutor angélico — é mais agradável aos olhos de Deus que a oração pelos vivos, pois os defuntos tem maior necessidade de socorros, porque se não podem auxiliar a si mesmos, como os vivos".

O Pe. Faber observa que Deus nos deu um tal poder sobre a sorte dos mortos que ela parece depender mais da terra que do Céu. Em virtude da comunhão dos Santos e da união do corpo místico de Jesus Cristo, estamos ligados à Igreja purgante pelos estreitos laços do dever e do afeto. E a devoção católica nos oferece uma infinidade de meios para nos desempenharmos desses deveres.



"LEMBRA-TE QUE ES PŌ;

E A PŌ TORNARÁS."